

MAIS

DIÁRIO
de
Notícias

ALÉM DA DANÇA E DA DIFERENÇA

HENRIQUE AMOEDO PASSOU OS ÚLTIMOS
ANOS A DIVULGAR A FILOSOFIA DA DANÇA
INCLUSIVA MAS DIZ QUE O IDEAL SERIA QUE
DEIXASSE DE HAVER DIFERENÇA



28 de Abril de 2013

dnoticias.pt

16

Mais do que dança

Henrique Almeida é o
mentor do grupo
"Dançando com a
Diferença" que há 12 anos
divulga e concretiza a
filosofia de dança inclusiva



ZONA VIP | ESTADOS DE ALMA



Henrique Amado não estudou dança, mas acabou por ser inclusivo. Criador do grupo e associação 'Dançando com a forma' como as pessoas vêem a diferença, mas ainda que essa diferença passe a ser encarado como normal.

TEXTO ANA LUÍSA CORREIA FOTOS JOANA SOUSA/ASPRESS

Quando diferença é normal

POR QUE SE VOLTAR À MEMÓRIA, Henrique Amado não se lembra de ter tido algum contacto com a deficiência ou com alguém dito "diferente" quando era mais novo. A história oficial do seu interesse pela dança e pela dança inclusiva continua a ser aquela de que, quando era aluno de Desporto na Faculdade, ter visto uma apresentação que o fez querer envolver pela área.

Os olhos verdes fixam-se na parede e Henrique viaja um pouco mais pelo país da infância. E de repente há uma história que surge na gaveta do passado. "Não conheci as minhas avós, mas lembro-me de uma senhora que era tia da minha mãe e que a minha mãe já chamava de 'vó', que depois virou minha avó por afinidade. A 'vó' era muito gorda, tanto que a gente chamava de 'vó gorda', e ela usava uma cadeira para se apoiar e andar. Essa é a lembrança mais antiga de uma coisa que chega perto da deficiência ou da dificuldade de mobilidade..."

Estados
de Alma

A verdade é que para além da "vó gorda", Henrique não encontra qualquer ligação entre a sua história de vida e o percurso que escolheu. E agora, mantém-se a versão oficial, de que foi quando Henrique estava na universidade a estudar Educação Física foi a uma apresentação de dança que juntava pessoas com e sem deficiência. "Nesse momento eu soube que era aquilo mesmo que eu queria fazer, naquilo que eu queria trabalhar".

E assim foi. Como era uma área que ainda estava a dar os primeiros passos, Henrique teve alguma dificuldade. "Quanto eu decidi que queria estudar dança e deficiência, foi difícil saber quem estava a fazer isso no Brasil", recorda. Acabou por procurar a responsável por aquela apresentação que o tinha feito acalorar um novo rumo de vida. "Era a professora Ieda Maia, de uma instituição de São Paulo", explica. "Ala Ieda me apresentou outros professores, a Rosan-

edica a sua vida à dança
a Diferença" diz que já muito mudou
falta fazer com

do a
nça
al

gila Barnabé, que trabalhava em Niterói, no Rio de Janeiro". Nessa altura, eram as danças feitas por pessoas que trabalhavam como profissionais na área. "Como vê, sou jurídico", ri-se mostrando as orelhas nas bochechas.

Jurístico ou não, foi assim que Henrique começou o seu percurso no mundo da dança inclusiva, primeiro em São Paulo e depois em Natal, onde foi fazer uma especialização. Foi também em Natal que criou a primeira companhia de dança, a Roda Viva.

"Se a gente comparar os acho que tem muitas semelhanças com aquilo que aconteceu com o Dançando com a Diferença. Assim como o 'Dançando', o 'Roda Viva' virou uma referência dentro do universo da dança no Brasil, começou a trabalhar com coreógrafos, a fazer parte de festivais, etc. Uma referência da dança sem falar nessa questão da inclusão. Só que com o tempo eu senti a necessidade de estudar dança..."

Henrique diz que os pontos de viragem na sua vida têm estado sempre de certa forma associados ao seu percurso académico e realmente tem sido assim. Foi quando decidiu fazer uma especialização em Natal que criou o 'Roda Viva' e foi quando decidiu que precisava de estudar dança que veio para Portugal e depois para a Madeira onde iria criar o 'Dançando com a Diferença'.

Mas voltando um pouco atrás, mesmo depois de criar o 'Roda Viva', a verdade é que Henrique nunca tinha estudado dança, nunca tinha feito dança e pouco ou nada sabia de dança em termos académicos. "Eu estava trabalhando profissionalmente no meio da dança e nunca tinha estudado. As vezes, as pessoas falavam da história da dança e eu não tinha a mínima noção do que elas estavam falando...", confessa. Foi então que decidiu fazer um mestrado na área da Dança, mais especificamente na Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa. Em 2002 concluiu esta formação em Performance Artística - Dança, com a dissertação 'Dança Inclusiva em Contexto Artístico: Análise de Duas Companhias', sob a orientação de Elisabete Monteiro.

ORIGEM DA DANÇA INCLUSIVA Quando Henrique chegou a Portugal não encontrou trabalhos semelhantes aos que eram feitos no Brasil, como o 'Roda Viva' e mesmo assim não desanimou. Queria trabalhar na área mas que fosse de forma voluntária. Então começou a enviar propostas para aqui e ali, fez palestras e workshops, tudo para divulgar o conceito e a filosofia da dança inclusiva. Nessa mesma palestra, Henrique teve na plateia uma pessoa da Madeira, a docente e actriz Ester Vieira, que na altura já coordenava alguns grupos artísticos no âmbito da Direção Regional de Educação Especial.

Tempos depois, Henrique recebeu o convite de Ester para fazer uma série de workshops à Madeira. O convite foi prontamente aceite, assim como o que viria a seguir: o de criar um grupo de dança inclusiva. O objetivo era simples: "in-

Para Henrique Amoedo, o mais importante da inclusão é "a filosofia de capacitação das pessoas, de fazer com que as pessoas sejam capazes de dançar"

cluído era um projecto de um ano: eu vinha para focar as pessoas dentro da DREER e depois eu ia embora e as pessoas continuavam o trabalho. Mas acabei por ser convidado a ficar mais um ano, e depois outro, e pronto, fiquei".

Já lá vão 12 anos, um 'Dançando com a Diferença' transformado já numa Associação e uma história de sucesso real que tem atravessado fronteiras e levado a filosofia da inclusão a muitos lugares e a milhares e milhares de pessoas. Porém, Henrique é sincero: "a intenção inicial nunca foi a de criar uma companhia de dança, mas sim fazer um trabalho que reunisse pessoas com e sem deficiência".

A verdade, neste momento ele pensava, lá 12 anos, que o 'Dançando com a Diferença' ganhasse tanta visibilidade, destaque, e uma importância que extrapolasse os limites da Região Autónoma da Madeira, coisa que aconteceu. Como diz o poeta, as pessoas primeiro estranharam e depois estranharam. E assim foi.

De um ou outro espectáculo ainda sob a chancela da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação (DREER), de um grupo reduzido com poucos bailarinos, com e sem deficiência, aos poucos, o grupo 'Dançando com a Diferença' foi se afirmando como uma referência no mundo da dança e da arte. "Essa projecção que acabou tendo o 'Dançando', não foi pensada, mas é óbvio que quando as coisas vão acontecendo você vai pensando no próximo passo...", revela Henrique. "A internacionalização, por exemplo, foi pensa-



ZONA VIP | ESTADOS DE ALMA

"Às vezes me pergunto o que é que eu faço aqui, porque é isso: acho que já fiz, que já criei, que já demos provas do nosso valor dentro e fora da Madeira..."

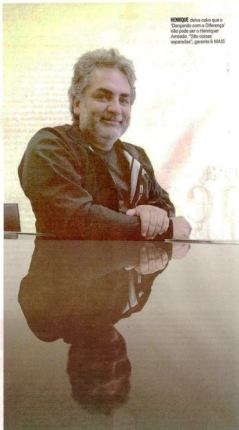
» do primeiro foi ao âmbito regional, depois vieram as actuações no continente e depois disso pensamos que precisávamos ampliar isso. A coisa não acontece do nada, ela é pensada. Mas não era um dos objectivos iniciais."

Desarticulado em 2007 da DREER, o grupo e projecto 'Dançando com a Diferença' nasceu no estúdio na Associação dos Amigos da Arte Inclusiva - Dançando com a Diferença (AAAD) com o objectivo de promover e utilizar "as diferentes linguagens artísticas como elemento de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência e outras, actividades estas que podem estar inseridas nos âmbitos artístico, educacional, terapêutico e até de apoio a processos terapêuticos".

Mas o crescimento continuou e até, provavelmente, de forma mais consistente e rápida do que alguma vez seria possível estando ligada a um organismo público. Em 12 anos o grupo Dançando com a Diferença, a ficar mais viável da Associação que hoje atrai mais de 200 pessoas em todas as variantes e grupos abrangidos, já actuou em 13 países e 43 cidades. A projecção nacional e internacional é de tal forma que muitas pessoas da Madeira julgam que o 'Dançando' é mesmo um grupo do continente ou do estrangeiro.

Mas é claro que depois há o reverso da moeda. Há muitos que pensam que o grupo ou mesmo a associação são ricos, que beneficiam de apoios milionários do Governo Regional. "Isso é mentira", garante Henrique Amado, algo magro e com estas fábais assustadas. "A crise que pegou todo o mundo, atingiu também o 'Dançando com a Diferença'. Alguns credores começaram a pagar e isso fez com que a gente atrasasse as produções, não podemos criar coisas novas e gastamos o dinheiro que tínhamos em caixa para pagar salários." Ainda, a associação que já chegou a ter cinco funcionários a tempo inteiro, tem neste momento um único funcionário que é Henrique Amado, professor destacado para o efeito. As restantes pessoas que passam longas horas na associação e a trabalhar para os objectivos do 'Dançando', trabalham literalmente por amor a causa. E que amor! Por agora, as atenções estão centradas na possibilidade do grupo realizar uma série de apresentações no Brasil, ainda durante este ano. "Se conseguimos efectivar isso será o hallo de origem para a associação. Mas precisamos de apoios para que isso aconteça, pre-

HENRIQUE deixa claro que o 'Dançando com a Diferença' não pode ser o Henrique Amado. "São coisas separadas", garante à MAIS



cliente de apoio pelo menos para a viagem... Neste momento estamos a lutar para sobreviver, diz com alguma tristeza e a preocupação parece encobrir os olhos verdes claros.

Mesmo assim, os sonhos continuam vivos, os desejos de continuar a dar força à associação, de mostrar a todos que o "Dançando" é muito mais que apenas esse grupo que sempre aparece, de dar visibilidade ao grupo inteiro que todos atraem de uma parceria com a Câmara do Funchal, da visibilidade ao grupo júnior, ao grupo 2..."

MENTE ALÉM DO CONCEITO Foi há mais de uma década que Henrique Amado desenvolveu o conceito de dança inclusiva, não só no trabalho que começou por realizar no Brasil, mas já em Portugal, quando realizou o espetáculo e, posteriormente, na Madeira com o "Dançando com a Diferença". Hoje em dia, são muitas as pessoas e grupos que visitam esse conceito. É difícil que Henrique fica satisfeito com essa ideia, principalmente quando alguns grupos dizem que foi o "Dançando com a Diferença" que inspirou o trabalho. Porém, por vezes, a definição de um conceito tem alguns reviravoltos. "O conceito de dança inclusiva virou uma coisa tão banal, quando você põe pessoas com e sem deficiência dançando, as pessoas automaticamente já falam em dança inclusiva...", lamenta. Para Henrique "o conceito vai mais fundo e tem uma filosofia por detrás e não é todo o mundo que faz este tipo de trabalho que sabe..."

Além de tudo, Henrique quer que a filosofia que é base do "Dançando" seja seguida, mas não como filosofia de inclusão. O mentor de projeto diz que o mais importante da inclusão é "a filosofia de capacitação das pessoas, de fazer com que as pessoas sejam capazes de dançar, porque só o facto de eu ter pessoas com e sem deficiência dançando juntas isso não produz a inclusão". Foi isso que aconteceu ao longo destes anos no "Dançando com a Diferença", em que "as pessoas estão juntas, aprendem juntas, cresceram juntas, ensinam... é diferente do que ser uma coisa pontual".

É mais do que aquilo que é gerado dentro do "Dançando" da associação, Henrique fala daquilo que acontece noutros sectores da sociedade, instituições ou não por pessoas que trabalham no e para o grupo. O "Dançando com a Diferença" já actuou na abertura do Desporto Escolar, elementos do grupo entraram este ano no cortejo de Carnaval perfeitamente integrados com o resto da trupe, pessoas como Ricardo Mendes, Juliana Andrade, Sónia Gouveia, Luísa Aguiar, que já passaram pelo grupo e que hoje levam a filosofia do "Dançando" para as suas vidas profissionais, os pedidos de estágio na associação que se avolumam e os inúmeros trabalhos académicos que usam o grupo como objecto. "Acho que é a diferença de ser um projecto pontual", acrescenta.

Por tudo isto e mais algumas coisas, Henrique Amado não se arrepende de ter vindo para a

"A filosofia da inclusão não veio para ficar, veio para ser extinta e isso era o ideal. Para mim a lógica é essa, é o deixar de haver diferença. É passar a ser tudo normal."



Madeira e muito menos se arrepende de ter criado o "Dançando com a Diferença". "Às vezes me pergunto o que é que eu faço aqui, porque é isso acho que já fiz, que já criei, que já deiemos pressa do nosso valor dentro e fora da Madeira...", confessa. Mas sempre que faz essa pergunta a si próprio, acaba por responder que ainda sabe porque está aqui. "Acho que ainda tenho algumas coisas para fazer... Mas falo porque ainda é importante para mim. Quando eu acho que isso não vale mais, então eu vou." De qualquer modo deixa claro que "o "Dançando" não pode ser o Henrique Amado, ele coisas separadas..."

É por serem separadas que Henrique agora vai regressar à Faculdade de Motricidade Humana para fazer o doutoramento na área da dança e se possível para falar do trabalho que tem desenvolvido com o "Dançando com a Diferença", um projecto que espera que tenha continuidade, mesmo que algum dia se afaste dele.

Mas além de tudo, é extremamente à parte, Henrique Amado fica feliz por ver o impacto que o projecto tem tido na mentalidade das pessoas, na forma como a sociedade madeirense e não só encara a diferença e a importância da inclusão. "Acho que fazemos o nosso trabalho e são 12 anos de trabalho para que isso aconteça... Há uma mudança de mentalidade, de todo", admite. "Em 2002 eu falava que a dança inclusiva era um termo temporário mas a gente continua a ter de se afirmar por essa diferença, mas quando poder deixar, tudo bem. Porém, para ela ficar ainda tem de dar um milhão de passos. É preciso que haja muita mudança. A filosofia da capacitação, da valorização das capacidades, essa deve ser uma postura de vida". Quanto à "filosofia da inclusão não veio para ficar, veio para ser extinta e isso era o ideal. Para mim a lógica é essa, é o deixar de haver diferença. É passar a ser tudo normal."